

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriela da Silva Bacellar

CRISE DAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Rubem Barboza Filho

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GABRIELA DA SILVA BACELLAR**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201972012A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CRISE DAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS**, desenvolvido durante o período de 03/01/2023 a 18/07/2023 sob a orientação de RUBEM BARBOZA FILHO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Gabriela da Silva Bacellar

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de (X) 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CRISE DAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS

Gabriela da Silva Bacellar¹

RESUMO

Neste trabalho será proposta a observação de alguns autores vinculados à teoria política: DA EMPOLI, Giuliano (1973-atualmente), LEVITSKY, Steven (1968-atualmente) e ZIBLATT, Daniel (1972-atualmente), MOUNK, Yascha (1982-atualmente) e CASTELLS, Manuel (1942-atualmente) para traçar o tema *Crise das Democracias Contemporâneas*. O objetivo principal consiste em compreender a situação política da democracia atualmente, entendendo suas fraquezas e defesas. A contextualização do trabalho passará também, pela situação política que o Brasil viveu nos últimos quatro anos, tal como, demais países do mundo. As obras: “Como as democracias morrem”, “Engenheiros do Caos”, “O Povo contra a democracia” e “Ruptura” serão as bases dos estudos desse artigo, com intuito de trazer uma perspectiva realista sobre a situação atual da democracia, suas possíveis implicações e consequências da onda *populista* crescente nos últimos tempos. Ao texto serão acrescentadas, ainda, outras referências pertinentes ao estudo, como reportagens e ensaios, completando o imaginário do estado democrático.

PALAVRAS-CHAVE: democracia, governo, populista, outsider, liberal.

ABSTRACT

In this article, the proposal will be the observation between some authors linked to political theory: LEVITSKY, Steven (1968 – currently) and ZIBLATT, Daniel (1972 – currently), EMPOLI, Giuliano da (1973 – currently), MOUNK, Yascha (1982 – currently) and CASTELLS, Manuel (1942 – currently) to trace theme: Crisis of Contemporary Democracy. The main objective is to understand the political situation of democracy today, understanding its weaknesses and defenses. The contextualization of the text will also go through the political situation that Brazil has experienced in the last four years, like other countries in the world. The Works: “How Democracies Die”, “Chaos Engineers”, “The People against Democracy” and “Rupture” will be the basis of the studies in this article, with the aim of bringing a realistic perspective on the current situation of democracy, its possible implications and consequences of the rising populist wave in recent times. Other references relevant to the study, such as reports and essays, will also be added to the text completing the imaginary of the democratic state.

KEYWORDS: democracy, government, populist, outsider, liberal.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por finalidade fazer uma observação acerca da crise da democracia, a partir do cenário populista no mundo e suas implicações ao estado. O artigo será baseado nos trabalhos “*Engenheiros do Caos*”, DA EMPOLI, Giuliano, “*Como as democracias morrem*”, LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel; “*O Povo Contra a democracia*”, MOUNK, Yascha e “*Ruptura*”, CASTELLS, Manuel. Será dividido em: introdução, capítulo 1 (com abordagem das perspectivas de “*Engenheiros do Caos*” e “*Como as democracias morrem*”), capítulo 2 (discorrendo sobre “*O povo contra a democracia*” e “*Ruptura*”), finalizando com a conclusão onde serão efetuados o desdobramento do tema e o desfecho da crise da democracia.

A partir do avanço do *populismo* e do surgimento de figuras *outsiders* no mundo, o tema ‘democracia’ será colocado em questão para demonstrar como determinados líderes, vertentes democráticas, mercado e tecnologias da globalização podem interferir na sobrevivência do sistema democrático. A pesquisa demonstrará que mesmo as democracias constitucionais estando sempre em conflito, conseguem coexistir e manterem-se vivas por meio do equilíbrio presente na sua essência. Pertinente notar-se que os estudos feitos neste artigo demonstram o presente momento da democracia sem determinantes.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Rubem Barboza Filho.

Para efetuar a observação do cenário democrático é preciso entender como ele se configurou. As democracias liberais se estabeleceram no pós-Segunda Guerra Mundial. Inspiradas pelo sistema representativo, as constituições democráticas foram criadas a partir de mesclagem entre republicanismo e sistemas representativos. Ainda assim, a república era mais agradável aos olhares governamentais, pelo tom menos radical.

Sua nova natureza propôs órgãos reguladores, representantes eleitos, direitos políticos e as liberdades civis, como forma de conduzir as políticas aplicadas nos governos. O consenso do novo modelo democrático-liberal estabeleceu-se através da república integrar a democracia, incorporando a seus sistemas e uma nova categoria asseguradora: o *Welfare State* ou *Estado de Bem Estar Social*.

Nesta nova proposta, os países propensos ao sistema democrático, garantiriam que a democracia seria composta por um sistema que assegura direitos básicos à população como: saúde, educação, segurança, entre outros, como os direitos humanos básicos desenvolvidos pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

Após aceita, a democracia foi adaptando-se às novas condições mundiais com crises econômicas, sociais e ecológicas. Vale ressaltar, que esse sistema é extremamente adaptável. A partir desse momento cada autor irá abordar um novo aspecto seja o mercado, as novas tecnologias, os perfis governamentais ou as relações internacionais que moldam a democracia. Tendo em vista que a democracia não é tão elástica, sua capacidade adaptativa é utilizada abrindo rachaduras em seu desenvolvimento.

Giuliano da Empoli, autor de *“Engenheiros do Caos”* enxerga algumas figuras emblemáticas como as fontes geradoras do caos. Os responsáveis pela crise da democracia, segundo o autor, são os *outsiders* definidos como políticos pouco ou nada experientes que conseguem a soberania popular por meio de eleições representativas. Estes, utilizando dos mecanismos reguladores fazem sua autopromoção, estabelecendo uma dominação *populista*. Além disso, as *TIC's (Tecnologias da Informação)* são as principais ferramentas usadas pelos *outsiders*, possibilitando interferência direta nos processos político-democráticos. Com efeito, operam políticas anti-informação, comprometendo o sistema democrático.

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt em *“Como as democracias morrem”* trazem o contexto dos problemas das democracias modernas, a partir de todos os componentes do sistema e suas relações. Em suas perspectivas não se faz mais necessário que haja uma ditadura ou rebelião para que líderes, também citados como *outsiders*, cheguem ao poder. Atualmente, a representação auxilia os demagogos populistas a alcançar o comando. Entidades auxiliadoras da democracia existem no sistema democrático para possibilitar que as regularidades das leis sejam mantidas, e o sistema democrático se sustente. O principal ponto abordado no texto são as ferramentas utilizadas por *populistas* para sua adaptação ao século XXI, e para além, quais destas podem ocasionalmente ser nocivas ao sistema democrático.

Mais adiante, já no texto de Yascha Mounk: *“O Povo Contra a democracia”*, o autor percebe que o *populismo* é um interventor democrático, capaz de abalar a existência do sistema democrático liberal. Sua essência vem sendo desmantelada por setores antidemocráticos, como o avanço de políticas *ultranacionalistas* sobre o sistema. Assim, o conceito do líder *populista* sobressai a qualquer coisa que deva ser democrático. Para o autor o sistema precisa de todos os congressos nacionais e câmaras o protegendo. Mounk percebe ainda, que a rede de apoio *populista* é de suma importância, pois, tanto a economia como as mídias sociais sofrem interferências das políticas *populistas*. Com efeito, o *populismo* torna-se interventor do mercado e das políticas públicas. A todo o momento, o texto informa como a democracia está interligada com seus agentes.

Em *“Ruptura”*, Manuel Castells utiliza da observação, via dados de pesquisa sociológica, para evidenciar como as democracias liberais podem sofrer forte influência do capitalismo. Na obra destaca-se a globalização econômica como fator fundamental no fortalecimento de reformas econômico-políticas como o *Brexit* (no caso da UE — União Europeia). O autor deixa claro que quaisquer mudanças no cenário mundial podem ser determinantes para a sobrevivência de uma democracia. O mercado torna-se integrante fundamental no ato da representação popular. Encarregado da circulação de capital mundial, afeta inúmeras economias democratas mundo afora. As divergências políticas da democracia demonstram que existe um ambiente político equilibrado, e quando essa estabilidade não está sendo mantida, instaura-se a crise da democracia. Esse argumento está bem apresentado na obra de Manuel Castells. Sua tese sugere que movimentos socioeconômicos, como a Guerra Fria, causam rupturas no sistema representativo.

Vendo por essa ótica, é possível perceber como os sistemas democráticos podem ser afetados por diversos motivos que levam a um objetivo comum: a crise das democracias liberais no mundo. Por essa

razão, verifica-se que a exemplo no Brasil, Jair Messias Bolsonaro foi o autor da instabilidade do sistema democrático ocasionando graves problemas à sua manutenção, assim como ocorreu em outras partes do mundo. Cada autor traçará uma definição para a mesma questão: maus gestores causando problemas à democracia. Esses pontos serão melhor analisados à frente.

DESENVOLVIMENTO

CAPÍTULO 1: DE ENGENHEIROS DO CAOS A COMO AS DEMOCRACIAS MORREM, MOTIVOS DA CRISE DEMOCRÁTICA.

As perspectivas de Giuliano da Empoli conversam com as de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, e esse capítulo será dedicado a abordar como suas teorias se acordam com a proposta da pesquisa.

Empoli inicia o texto: “*Engenheiros do Caos*”, instituindo que para ele a brusca mudança nas relações econômicas, o rápido acesso à comunicação e o nascimento das *fake news* são alguns dos motivos da crise da democracia. Para ele a forte instabilidade no sistema representativo será dada através do novo imaginário construído pelos *Engenheiros do Caos*. Estes são descritos como políticos, agentes de campanha, auxiliares e membros de partidos inseridos nas novas redes de informação online, responsáveis pela onda de desinformação e queda nos níveis de confiabilidade do sistema representativo. Encarregados de instaurar a desordem no sistema os *Engenheiros populistas outsiders*, ainda conseguem espaço para o financiamento de suas políticas elitistas.

“[...] a democracia liberal é uma construção newtoniana, baseada na separação dos poderes e na ideia de que é possível, para os governantes e os governados, tomar decisões racionais, em cima de uma realidade mais ou menos objetiva.” (Empoli, 2019, p. 101)

Percebe-se, em primeiro momento, que a democracia sempre passou por momentos de instabilidade. Sendo moldada com base nas constituições republicanas, adaptou-se ao modelo conhecido atualmente. Um grande motivador da defesa do sistema democrático foi a efetivação de direitos individuais no sistema representativo. Ao longo do século XX, o sistema consolidou-se sendo testado por inúmeras crises como: ecológica, social, econômica, política e mais atualmente democrática. Nenhuma delas conseguiu extinguir uma das principais pautas da democracia: o *Estado de Bem-Estar Social*, conhecido como *Welfare State*.

Dentre as novas práticas democráticas do *welfare state* estão: executar políticas econômicas, entender o universo dos movimentos sociais, além de desenvolver e aplicar políticas de garantia aos direitos individuais.

Neste sistema o povo tem o título de soberano, e a vontade da maioria determina as escolhas feitas em nome da estabilidade democrática. Sendo os motivadores da desordem, os *Engenheiros do Caos*, utilizam variadas ideologias e políticas para executarem seus objetivos. A partir da segunda metade do século XX a globalização da economia, provou ser um destes. Neste mesmo período o *populismo* também se mostrou suscetível aos movimentos democráticos.

“No decorrer de todo o século XX, a Itália foi o laboratório onde foram conduzidas experiências políticas vertiginosas, frequentemente destinadas a serem reproduzidas, sob diversos formatos, em outras partes do mundo. O fascismo foi a primeira e a que trouxe consequências mais pesadas, mas após a queda do movimento, a Itália também deu à luz o maior partido comunista da Europa Ocidental, tornando-se, assim, o teatro privilegiado de todas as manobras e tensões da Guerra Fria.” (Empoli, 2019, p. 20)

Embora o termo *populista* tenha sido utilizado em circunstâncias anteriores, ele ganhou um significado particular quando aplicado à América Latina, na primeira metade do século XX. A nova formulação do termo se desenvolveu quando alguns líderes de esquerda estabeleceram comunicação direta

com a população, tentando mediar o conflito entre as massas e a indústria capitalista. O objetivo seria identificar políticos com ideais sociais que convenientemente tinham grande apreço popular. Entretanto, atualmente não há uma única definição para o *populismo* devido à adaptação do termo perante a conduta do político que o exerce.

Tendo em vista que o *populismo* preza pela polarização do poder será, teoricamente, dividido em dois lados. Um primeiro composto por líder e povo, com seus direitos e deveres, e o outro pertencerá às elites, defendendo seus pensamentos econômicos e ideais. Também se configura como um movimento executado a partir de um líder dotado de carisma, com discursos simples e convincentes para com seu público.

A principal alegação do governo *populista* é que ele é quem representa, de fato, o povo. Apelando ao sentimento *nacionalista*, cria-se uma nova forma de acesso ao público, por meio da afinidade do representante com os representados.

A globalização econômica, portanto, pode também trazer novo significado para o *populismo*. Uma vez que, alguns governos (como os de extrema-direita) consideram como “povo” o conjunto de cidadãos sem imigrantes e outras determinadas minorias. As elites inimigas do *populismo*, por sua vez, podem ser políticos opositores, imprensa, órgãos governamentais e organismos internacionais.

Logo, o *populista* reúne diversas ferramentas políticas, inclusive democráticas, para firmar seus objetivos e impor-se diante das instituições e dos parlamentares. Dado isso, figuras como Steve Bannon — que se tornou a personagem defensora do autoritarismo na Itália, além de importante conselheiro político de Donald Trump — ilustra os motivos, pelos quais, *populistas* ameaçam o sistema democrático com suas ferramentas.

“O que faz da Itália, mais uma vez, o Vale do Silício do populismo é que lá, pela primeira vez, o poder foi conquistado por uma forma nova de tecnopopulismo pós-ideológico, fundado não em ideias, mas em algoritmos disponibilizados pelos engenheiros do caos.” (Empoli, 2019, p. 25)

Ideologias elitizadas também podem compor a esfera democrática determinando total interferência no meio social. Um exemplo são as relações pré-estabelecidas pelo mercado a uma democracia constitucional, podendo fortalecer laços ou promover o rompimento de acordos econômicos.

Por isso, *populistas* são ousados e conquistam a confiança da massa participativa fazendo diversas promessas a respeito das ações realizadas pelo bem do povo. O cenário se constrói também virtualmente, onde os apoiadores podem ter acesso aos canais comunicativos com o *populista*, na grande rede organizacional que ele promove.

Todas as construções feitas pelos *populistas* são através de meios legais como congressos, eleições democráticas e luta pela moralidade popular. Tendo como exemplo, Trump foi o responsável pela conversão *populista* nos Estados Unidos em prol do bem ‘comum’, que seriam os valores do verdadeiro povo americano.

Importante ressaltar que acesso comunicativo do populista é estabelecido pelas *TIC's (Tecnologias da Informação)* que são responsáveis por possibilitar a manipulação de dados, fator ampliador das políticas de *fake news*. Em outras palavras, o sistema democrático assegura total liberdade comunicativa na convivência internacional. Dessa forma, quando o *populismo* instaurado fere a comunicação sociocultural há a divulgação de informações falsas, fator prejudicial ao desenvolvimento socioeconômico de um país. Por isso, a essência populista pode ser considerada autoritária.

Estabelecendo a distribuição das *fake news*, *populistas* utilizam a técnica de ‘softwares’ robôs para espalhar notícias falsas. Os *Bots* virtuais também podem espalhar conteúdo segregacionista, racista e xenofóbico nas redes, através dos algoritmos. Posto isso, Empoli defende que os *Engenheiros do Caos* são todos os que possuem uma vasta rede de apoio para construir uma situação democrática instável a partir das novas redes online, prejudicando o sistema do estado. Assim, os *Engenheiros do Caos* são *populistas outsiders*.

“Em segundo lugar: graças a essa máquina, as campanhas eleitorais cada vez mais se tornam verdadeiras guerras entre softwares, durante as quais os oponentes se enfrentam com a

ajuda de armas convencionais (mensagens públicas e informações verdadeiras) e armas não convencionais (manipulação e fake news) com a meta de obter dois resultados: multiplicar e mobilizar seus apoios e desmobilizar as bases do adversário.” (Empoli, 2019, p. 90)

Dentro da categorização de *populista* encontra-se o ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro. Sua rede de apoio foi construída na rede de vídeos *Kwai* e no *WhatsApp*, páginas que seriam para interação social, tornaram-se centros de organização política usados principalmente para produção e distribuição de *fake news*. Evidentemente que o contexto das redes sociais resultam na polarização de informações políticas, além de criar também, uma realidade ideológica que só existe nas mentes dos eleitores que o apoiam.

“O mesmo mecanismo está acelerado no terreno político. É assim que os brasileiros assistiram, nos últimos anos, à ascensão de uma nova geração de YouTubers de extrema-direita, que souberam explorar o algoritmo da plataforma para multiplicar sua visibilidade (e seu faturamento). [...] esses personagens, assim como inúmeras figuras similares, contribuíram para criar o clima que tornou possível a eleição de um ex-militar de extrema-direita, ele mesmo muito popular nas redes sociais, à presidência da república. O vídeo dos apoiadores de Jair Bolsonaro, reunidos em Brasília no dia de sua posse, que gritavam alegremente os nomes do Facebook e do YouTube, rodou o mundo.” (Empoli, 2019, p. 48)

Por outro lado, para Levitsky e Ziblatt o texto: “*Como as democracias Morrem*” denota a crise da democracia despertando a necessidade de proteção das instituições e congressos, encarregados de assegurar a normalidade do sistema. Para ambos a defesa do sistema é montada a partir das normas legais e informais do jogo político. Os atores principais da inconstância democrática são *populistas de extrema-direita* e *outsiders*. Estes últimos são configurados como políticos emergentes que ascendem a cargos muito altos subitamente.

Com os novos atores do cenário político, se estipula um modelo de ambiente de atuação para um *populista outsider*. Estabelecendo-se a partir das sucessivas crises econômicas, provocadas pela implantação do *neoliberalismo*, o novo imaginário político ganhou força. Naturalmente com aumento repentino no consumo do pós-guerra, definiu-se o desenvolvimento de novas regras econômicas para os estados democráticos. No entanto, a doutrina *neoliberal* divergiu do *liberalismo* clássico em alguns aspectos.

Enquanto o *Liberalismo* puro estipulou o controle do poder estatal para garantir a manutenção das liberdades, o *neoliberalismo* instituiu a mínima intervenção do estado na economia, privatizações, a maleabilidade das leis trabalhistas, priorizando a redução de gastos públicos e mantendo as liberdades civis.

Com isso, baseado no avanço tecnológico, o *neoliberalismo* proporcionou a importante interação entre ele e a globalização da economia. Determinando que as relações comerciais aconteçam mais livremente, segundo a nova doutrina.

Esse tipo de política acarretou crises sociais em série — como o desemprego, queda na qualidade de vida, aumento do nível de fome — responsáveis pelo cenário ideal para a atuação do *populista outsider*. A combinação desastrosa desses fatores, naturalmente causa preocupação quanto ao futuro da democracia.

Além de remeter a um problema: sem a interferência do estado, a economia está impelida a distúrbios corruptos e, neste ponto, *populistas outsiders* se aproveitam da crise para a autopromoção. Entretanto, não há uma regra predeterminante sobre *populistas* serem *neoliberais*. Para além, ao definir o *neoliberalismo* atenta-se a não reduzi-lo a acontecimentos isolados.

Em verdade, *populistas* podem assumir posturas autoritárias devido às suas políticas antiglobalização. Dado isso, a doutrina *neoliberal* não os atrai, apenas cria o cenário para o seu surgimento. Populistas como Trump, Putin e Chávez, estão aptos a realizar políticas territorialistas, executando poder sobre a economia. Suas posturas são de total controle econômico decorrente de zonas de poder estabelecidas pelos seus governos, dominando as políticas aplicadas.

“Em quase todos os casos de colapso democrático que nós estudamos, autoritários potenciais – de Franco, Hitler e Mussolini na Europa entreguerras a Marcos, Castro e Pinochet, durante a Guerra Fria, e Putin, Chávez e Erdoğan mais recentemente – justificaram a sua consolidação de poder rotulando os oponentes como uma ameaça à sua existência.” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 122)

Bolsonaro também pertence ao *populismo*, mas não demonstra a essência *neoliberal*, sendo considerado um *outsider* pouco instruído. Populistas são manipuladores e sua essência é não respeitar ideologias políticas e econômicas que estejam entre eles e o poder.

Exemplificando, Donald Trump é *populista-outsider* do ponto de vista político. Um bom indício foi que ao perceber que poderia perder as eleições presidenciais em 2020, movimentou ameaças em redes como Twitter e pouco depois, viu a consolidação destas com a invasão do prédio do Capitólio, em Washington, no dia 6 de janeiro de 2021. Uma reportagem do jornal CNN detalhou como foi caótica a invasão do maior símbolo democrático dos Estados Unidos.

“A invasão do Capitólio dos Estados Unidos, principal símbolo do poder político no país, na capital Washington, completa um ano nesta quinta-feira (6). Durante a sessão conjunta do Congresso que confirmaria a vitória de Joe Biden nas Eleições Presidenciais de 2020, em 6 de janeiro de 2021, centenas de apoiadores do então presidente, Donald Trump, marcharam para o prédio após meses alegando fraude nas votações, o que nunca foi comprovado e, pelo contrário, foi desmentido pelas principais autoridades dos EUA. No ataque, os agressores conseguiram superar momentaneamente a segurança do local, entrando no Capitólio, destruindo diversos objetos – muitos com significado histórico – e ameaçando de morte os congressistas.” (Tortella, 2022)

Considerando o nível de conservadorismo, xenofobia e grande controle da política de poder, definem-se os *populistas outsiders* como *autoritários*. O acontecimento sofrido pelo Capitólio é uma expressão do quão grande é o nível de popularidade do *populista* com o público. Verificando que o eleitorado *Trumpista* não representa a totalidade dos estadunidenses, resume-se ao acontecimento, a parcela eleitoral que realmente dispõe de comunicação com o ex-presidente americano — em sua maioria, homens brancos.

Para Trump não se aplicava ao conceito de povo americano, especialmente às minorias sociais, raciais, étnicas e os imigrantes, testemunhando que as políticas implantadas nos Estados Unidos, salientam a motivação racista e xenofóbica do ataque ao Capitólio. Os simpatizantes fervorosos de Bolsonaro, também se dizem dispostos a lutar pelo bem do país, ponto evidente na recusa em aceitar a derrota eleitoral em 2022. Inspirado ou não, sucedeu-se em 8 de janeiro de 2023, um ataque ao prédio dos Três Poderes e demais órgãos do Governo Federal, em Brasília.

“Entendendo melhor o caso: no final de semana do ataque em Brasília, centenas de ônibus foram até a capital do DF levando outras milhares de pessoas. As ações estavam sendo combinadas pelas mídias sociais e, há semanas, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) já faziam manifestações questionando o resultado das eleições em outubro de 2022. Porém, no início da tarde daquele domingo, uma centena de pessoas seguiu em direção ao Congresso, escoltada pela Polícia Militar, momento no qual iniciaram-se os ataques. A PM não conseguiu conter a multidão, que, enfurecida, invadiu os prédios. Com os prédios tomados, a polícia fez uso de bombas e gás lacrimogêneo, mas, mesmo com o auxílio da cavalaria e Tropa de Choque, a invasão ao Congresso Nacional não pode ser evitada.” (Simiema, 2023)

Acima de tudo, líderes *populistas* sempre irão usar das próprias ferramentas democráticas, para desestabilizar a democracia. Isso quer dizer que, as próprias regras do jogo têm mecanismos que podem proteger um indivíduo político, antes de protegerem a si mesmos. O problema apontado remete que, protestar é uma ferramenta democrática válida, mas, a partir do momento em que essa ferramenta é usada para atacar a própria democracia, provoca a perda da sua essência democrática. Sabendo disso, *populistas* utilizam seu poder persuasivo com o público para promover atos depreciativos à democracia.

Em conformidade, os episódios anunciam como a tensão sistemática, estabelecida por tais acontecimentos, abala a existência do sistema. De acordo com as reivindicações populares é possível conquistar mudanças democráticas apesar das regras constitucionais. Mas, logicamente não é algo aplicável a qualquer momento, sobretudo, durante o exercício das eleições.

No Brasil, por exemplo, Bolsonaro produziu em sua administração inclinações racistas, homofóbicas e xenofóbicas entre as esferas da população, percebendo-se o tom omissivo do governo com o *welfare state*. Dessa forma, o *populismo* auxilia na crise da democracia, a partir do momento que tenta controlar o sistema e manipular as pautas políticas, independente se são de esquerda ou direita. A regra principal para manter-se no poder é ser carismático e conseguir utilizar das regras constitucionais do jogo político, sem permitir que elas o derrubem. Em seus governos Trump e Bolsonaro utilizaram muito essas táticas.

Uma das formas utilizadas para desarmar a democracia, além das apresentadas anteriormente, conta com a desvalorização do sistema eleitoral. Suas alegações contam com críticas à oposição, salientando a necessidade da presença dos perfis 'autênticos' nas eleições. Interessante observar que o *populismo* valida suas políticas por meio das normas legais.

“As normas são as grades flexíveis de proteção da democracia; quando elas param de funcionar, a zona de comportamentos políticos aceitáveis se expande, dando origem a discursos e ações que podem pôr a democracia em perigo.” (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 225)

Estes governantes alteram bruscamente a confiança no regime democrático, questionando a confiabilidade da representação. Devido ao alto nível de popularidade obtém considerável sucesso nas alegações. A jogada mais artilosa praticada por *populistas* consiste em atacar o sistema representativo argumentando protegê-lo. Ou seja, os momentos de crise contribuem na construção de líderes *populistas* indicando-os como precursores de doutrinas autoritárias, já que, exercem a plena dominação do poder democrático.

“Uma das grandes ironias de como as democracias morrem é que a própria defesa da democracia é muitas vezes usada como pretexto para a sua subversão.” (Levitsky, Ziblatt, 2018, p. 108).

Mediante as dominações ideológicas os *populistas* conseguem executar seus propósitos compreendendo que o povo é a constituição e por meio do exercício de representatividade se estabelece sobre qual grupo terá mais influência. Sendo perceptível notar que Bolsonaro possui todas as características de um *autoritário*, uma política muito aplicada em seu governo foi à barganha do sistema ao seu favor.

Em escândalos como a compra de votos de parlamentares em votações do plenário, Bolsonaro executou a manutenção das suas políticas. Já as falas sádicas sobre as mortes durante a pandemia de COVID-19 e seu desinteresse com a crise de fome que assola o Brasil, apenas validaram o seu desprezo pelas minorias.

Basta ver, que entre os anos de 2018 a 2020 o Brasil caminhou para um cenário desesperador: voltar ao mapa da fome. Sendo notório que Bolsonaro priorizou classes que eram mais interessantes a sua politicagem (como a empresarial) deixando grande parte da população brasileira quase morrendo de fome.

“A democracia, claro, não é basquete de rua. Democracias têm regras escritas (constituições) e árbitros (os tribunais). Porém, regras escritas e árbitros funcionam melhor, e sobrevivem mais tempo, em países em que as constituições escritas são

fortalecidas por suas próprias regras não escritas do jogo.”
(Levitsky, Ziblatt, 2018, p. 117)

No entanto, devido às *fake news*, difundidas nas redes sociais negarem o teor elitista das políticas Bolsonaroistas não houve o combate às mesmas. A elitização (de políticas e direitos) se aplica também pelas novas políticas anti-imigrações em muitos países, tanto no hemisfério norte como no sul. Diretamente ligadas com o *ultranacionalismo* incentivam o ódio intercultural através dos políticos *populistas*. Steven Bannon (ex-conselheiro da Casa Branca) e Viktor Orbán (Primeiro-Ministro da Hungria) são figuras experientes nessa prática.

CAPÍTULO 2: DO CAOS À MORTE: COMO A RUPTURA DEMOCRÁTICA PROMOVE O POVO CONTRA A DEMOCRACIA.

O presente capítulo consiste em evidenciar como os relatos e estudos de Yascha Mounk e Manuel Castells conversam dando continuidade a compreensão do tema: crise das democracias contemporâneas.

Yascha Mounk em “*O Povo Contra a Democracia*”, percebe um problema central nos sistemas constitucionais atuais: o ataque às instituições democráticas partindo do próprio poder do estado. O motivo seria o número expressivo de líderes *populistas*, dominando o cenário político mundial. O poder *populista* é consolidado pela dominação político-ideológica e a interação nas mídias sociais. Nestas, há o movimento de descrença no sistema eleitoral alimentando o sentimento de abandono. Tratando-se de pluralidade política, tudo é muito sensível, devido ao *populismo* se incomodar com a relevância da oposição.

Políticos *populistas* trabalham com a execução da política de poder sobre as instituições democrático-liberais aplicando suas ideologias. Uma democracia preza pela conservação da liberdade optando por eleições justas, proteção às liberdades civis e ausência de autoridades não eleitas. Por conseguinte, os *populistas* tentarão sempre minimizar os efeitos liberais da democracia em seus governos. As políticas aplicadas às instituições buscam controle da liberdade representativa e da liberdade de expressão (pontos centrais da democracia liberal).

“[...] as elites vêm assumindo o controle do sistema político e tornando-o cada vez mais insensível: os poderosos estão cada vez menos dispostos a ceder às opiniões do povo. Como resultado, liberalismo e democracia, os dois elementos centrais de nosso sistema político, começam a entrar em conflito.”
(Mounk, 2018, pp. 25,26)

Populistas buscam romper com o equilíbrio político consolidando suas ideologias através do ataque ao sistema. Suas ações prejudicam a continuidade da governança, prescrita pelas regras constitucionais. Estas são responsáveis por organizar e fiscalizar os poderes do *establishment* (a máquina política do estado).

A desordem política do *establishment* alavancada pela onda *populista* gera alguns movimentos, principalmente, xenofóbicos e racistas. Na Europa, por exemplo, o aumento alarmante da imigração vinda do norte da África, Ásia menor e Oriente Médio fez com que as políticas sociais de acolhimento perdessem credibilidade. Essa mesma onda imigratória cresceu no século XXI, causando sentimento de descontentamento com os processos constitucionais.

Esse sentimentalismo descontente é fruto de muitas políticas *ultranacionalistas* difundidas mundo afora. Dentre os valores *ultranacionais* estão o forte sentimento de amor à nação e a homogeneidade étnica, como fatores ‘justificantes’ para a suspensão das políticas de acolhimento a cidadãos estrangeiros. Ultranacionalistas lidam com seu ego no centro das relações políticas, como frisado, incorporando a ideologia em seus discursos para *defender* a ordem política e social do país.

“Não existe nada de natural no conceito de nação. Durante grande parte da história de que se tem registro, os seres humanos se organizaram em famílias, tribos, cidades, principados ou comunidades religiosas. Mesmo na esteira das revoluções americana e francesa, quando se tornou um potente condutor da

história, a nação permaneceu em grande medida um projeto das elites.” (Mounk, 2018, p. 229)

A respeito disso, infere-se o preconceito racial, étnico e cultural como pontos fundamentais da vitória de Trump nos Estados Unidos (em 2016), e de Bolsonaro no Brasil (em 2018). Assim sendo, um populista além de apresentar ideologias *ultranacionalistas* controversas, também desconsidera a manutenção do *welfare state*.

O combate a essas práticas fazem parte dos deveres sociais das democracias para garantir condições dignas a todos. Evidente que a aplicação destas culmina no desprezo dos *populistas outsiders* pelas instituições democráticas, desempenhando ponto central da impermanência do sistema democrático.

Todavia, as próprias organizações e setores governamentais estão contaminados com as políticas ultranacionais negligenciando pautas necessárias ao estado. Quanto aos setores governamentais e líderes políticos, há atitudes capazes de movimentar conflitos político-ideológicos, como a Guerra Fria.

Firmando a disputa *nacionalista*, o oriente representado pela antiga URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e o ocidente, pelos Estados Unidos, travaram conflitos econômicos, diplomáticos e tecnológicos, no período pós Segunda Guerra mundial (1947—1991). A disputa denominada Guerra Fria, buscava consolidar a soberania político-ideológica de um dos rivais, combatendo a influência *nacionalista* do inimigo.

Mesmo com o término do conflito, em 1991 e o fim da URSS, a tensão no mundo polarizado não foi descartada, e as novas disputas econômicas entre China e Estados Unidos podem reviver a tensão da Guerra Fria. Conflitos como este são marcados por disputas econômicas, oportunizando a obstrução dos direitos fundamentais de ir e vir em alguns territórios (como a Alemanha, no século passado). A consequência desse processo é a judicialização política, responsável por tomar decisões sociais, em tribunais e fora dos congressos, afetando a esfera de desenvolvimento socioeconômico.

A premissa anterior indica que não são conflitos isolados. Então a judicialização interfere na política internacional, tal como, os conflitos no oriente médio e a recente guerra entre a Ucrânia e a Rússia, revelam o capitalismo, como outro fator interferente no sistema representativo. Para além, elucida como o judiciário (aparato democrático) pode ser usado contra o próprio sistema.

Quando as políticas sociais são levadas a um tribunal (para ocasionar mudanças), se observa que mesmo estipuladas entre meios legais, podem ferir os termos constitucionais. Este é um fator prejudicial à execução da liberal-democracia invalidando o *welfare state*.

Política e economia estão interligadas, por isso, o capitalismo tem um papel de destaque ao intermediar relações comerciais entre os países. Mas, em função disso, se uma democracia não consegue se desenvolver de forma harmônica com as adversidades econômicas, persiste a probabilidade de sofrer consequências judicializadas para a ‘manutenção’ do sistema.

“Para o bem ou (é bem possível) para o mal, o nacionalismo parece estar destinado a ser no século XXI o que foi nos séculos XIX e XX: a força política mais decisiva de sua época. Assim, muito depende da forma que o nacionalismo assumirá.” (Mounk, 2018, p. 233)

Manuel Castells em “Ruptura” observa a instabilidade democrática derivada da incerteza entre o sistema e seus constituintes. A vista disso, a democracia levou vários anos para se consolidar, foi moldada sobre os novos valores capitalistas, valorizando a liberdade individual e estimulando a pluralidade política. Ao passo que, a crise democrática avança, a rachadura se mostra mercadológica e compatível com o decorrer da ilegitimidade política, provocada pela judicialização de competências sociais.

“E a estrutura do Poder Judiciário depende indiretamente do sistema político, incluindo os tribunais que interpretam os princípios constitucionais. Na realidade, a democracia se constrói em torno das relações de poder social que fundaram e vai se adaptando à evolução dessas relações, mais privilegiando o poder que já está cristalizado nas instituições.” (Castells, 2018, p. 12)

A prática judicial foi determinante na formação do bloco econômico União Europeia (UE), no Pós-Guerra Fria, que mesmo antes de sua formação já era um bloco coeso denominado 'Integração Europeia'. Após a fundação do grupo em 1992, muitos países entraram e também saíram da UE. O BREXIT, em contrapartida, foi a denominação dada à saída do Reino Unido do bloco.

Houve, para a Inglaterra, a aplicação judicial de temas sociais, promovendo a saída do país do bloco econômico. Um dos temas mais debatidos foi o acolhimento de imigrantes como cota fixa. A permanência no grupo ruiu com as novas determinações de imigração do parlamento europeu. A judicialização, a partir das abordagens, mostra-se presente nas decisões políticas do bloco, declarando a fragilidade das políticas de acolhimento.

O conjunto característico das políticas anti-imigração foi responsável por alimentar o separatismo do BREXIT, desestruturando até mesmo um grande bloco econômico e político como a União Europeia. Casos de xenofobia explodiram na Europa, criando um cenário ideal para o acolhimento de figuras *populistas e ultranacionalistas* como Viktor Orbán, defensor da anti-imigração.

“O local se opôs ao global utilizando o único instrumento disponível: a fronteira. Se os capitais e as mercadorias podem atravessá-la de todas as formas, pelo menos que não o façam as pessoas e as culturas que elas trazem consigo. Essa divisão social básica fica patente quando se examina quem votou a favor do Brexit.” (Castells, 2018, p. 63)

Assim, como o medo do esvaziamento cultural culminou no BREXIT, as políticas *ultranacionalistas* foram responsáveis por movimentar a crise de xenofobia na Europa. Não obstante, *populistas* utilizam as vias políticas, financiadas pelo medo (como o ultranacionalismo) para estruturar as políticas contra as diferenças — a anti-imigração.

Esse fato mostra como o aparato governamental possui poder sobre o sistema representativo, ademais, demonstra como os políticos *populistas outsiders* conseguem exercer influência sobre a população instaurando medo. Este é apenas mais um fator da perda de confiança na democracia liberal.

Contudo, segundo os europeus, para reconstruir a confiança democrática são necessárias políticas que reduzam o número de imigrantes no continente. Não somente lá, mas nos Estados Unidos o conceito é minimizar a quantidade de cidadãos estrangeiros viventes no território.

“Trump passou a perna em todos ao entrar na campanha atacando diretamente a imigração e denunciando os mexicanos como ladrões, estupradores e narcotraficantes. E simbolizou sua xenofobia com a promessa de construir um muro intransponível ao longo da fronteira com o México. Imagem poderosa que excitou os temerosos da imigração.” (Castells, 2018, p. 41)

Pelos motivos abordados acima, atesta-se que *populistas outsiders* não suportam a aplicação de políticas que vão contra seus interesses. Visto que, a manutenção do seu poderio é crucial, decorre a possibilidade de manipulação dos meios políticos para execução da vontade populista. O exemplo mais sólido foram os infames ataques de Trump a uma parte do povo mexicano. As declarações lamentáveis de Trump externaram a vontade do ex-presidente americano pelo fim da imigração, bem como, a construção do muro na fronteira dos países.

De modo ostensivo a maneira de agir de Donald Trump, com todos os imigrantes, expressa quem está protegido pela organização sociopolítica do país. No Brasil, o desprezo de Jair Bolsonaro, situou-se com todos os povos estrangeiros que imigraram para o país. Nestes casos o *nacionalismo* transborda da esfera dos conflitos.

“A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver’ (2015) [...] O então deputado se referia aos “marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo” que tem pedido refúgio ao Brasil. “Os sírios estão chegando também”,

afirmou, em entrevista ao Jornal Opção, de Goiás.” (Capital, 2018)

Dispondo de poder, a alternativa que resta aos *populistas* é promover medo e incertezas a população, apelando para o convencimento. Notam-se inclusive as promessas vazias dos *populistas*, como recurso de salvação para evitar dar poder à oposição.

Não apenas Trump, mas Bolsonaro, também se enquadra na categoria. Notório o fato que, mesmo eleito democraticamente, proferiu críticas e suspeições às eleições democráticas. Proporcionou medo e desconfiança pela seguridade do sistema. Aclarada não apenas no Brasil, como no mundo, a tática do medo foi utilizada demasiadamente. A consequência foi a descrença pela democracia, seus métodos e sistemas, associada ao fortalecimento do *populismo ultranacional*.

“De um lado, a formação de um mundo de redes que articula as atividades estruturantes das sociedades em todos os âmbitos. Tal é a globalização, que consiste em uma rede global de redes globais nas quais se integra o essencial das finanças, da economia, da comunicação, do poder, da ciência e da tecnologia.” (Castells, 2018, p. 93)

Como alimento do medo, as *fake news* ganham papel de destaque sobre as políticas aplicadas por *populistas*. Propagadas por via de fóruns, sites, portais e perfis nas redes sociais bombardeiam o conjunto do eleitorado causando grande impacto em todo o sistema democrático.

Políticos autoritários associam-se às práticas *populistas* e *ultranacionalistas*, transmitindo sua ideologia ao grupo que representam. Jair Bolsonaro é um populista de extrema-direita. Hugo Chávez, contudo, pertencia à vertente de extrema-esquerda e suas ações públicas eram contra o amparo social à população.

Os fatos abordados cumprem a observação inicial, informando que o populista pode exercer qualquer vertente política, desde que, consiga conduzir seu público, pelas regras escritas ou não do jogo político. Com isso, todos os autores concordam que a figura populista lesa o sistema representativo. Jair Bolsonaro, Donald Trump e Viktor Orbán são algumas figuras que possuem promessas *populistas* em sua lista de afazeres.

Acometidos por Castells, os fatores que corrompem a ordem pública estão contra a diretriz democrática. As razões vão de líderes autoritários, redução do *welfare state*, desprezar as regras constitucionais do sistema representativo até o grande envolvimento do mercado nas políticas públicas, além de altos índices de corrupção promovendo o rompimento total com o sistema democrático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O RESULTADO DO POPULISMO TECNOLÓGICO SOBRE A DEMOCRACIA

Ao longo dos capítulos foram expostas algumas fontes da crise sistemática da democracia. Perante o tema abordado, vê-se que os sistemas democráticos foram elaborados com base em preceitos liberais e constitucionais.

No ostensivo desdobramento da democracia liberal houve a apropriação da representatividade pelo *populismo*. Atestado na discussão, o domínio *populista* gera desgaste nas ferramentas democráticas tornando-as invasivas ao sistema representativo. Da mesma forma em que a economia tem primordialidade na constância das políticas democráticas.

Em suma, o *populismo* dissolve as esferas de poder popular para o seu total controle, desestruturando o sistema. Por isso, o populista pode ser tanto um político experiente como um *outsider*, havendo variações no nível de popularidade. Por meio de métodos convencionais, redes sociais, meios de comunicação tradicionais, entre outros, o populista irá estabelecer sua rede de comunicação, para construir seu grupo.

A ferramenta abordada anteriormente é a boa comunicação, fazendo-se fundamental na execução do *Welfare State*. Por conseguinte, entre adversários a ruptura democrática mostra a causa do colapso do sistema. Assim, verifica-se que a democracia é o sistema de governo sustentado através da austeridade

política, tornando-se pertinente que haja argumentação entre partes divergentes. Protegendo o diálogo democrático é possível minimizar a atuação dos *populistas outsiders*.

O diálogo entre adversários mantém a política de boa convivência no ambiente governamental, conservando aberturas para críticas e observações de terceiros. Populistas, em especial, não estabelecem vias comunicáveis com seus adversários, exatamente por não tolerarem comentários e críticas opositoras. Um importante fato apresentado no texto foram os constantes ataques dos populistas às instituições científicas e governamentais. Reforçando, de forma argumentativa, que tudo que destoe do governo populista não deve ser validado.

No Brasil, Bolsonaro atacou não só o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), mas, promoveu o desmantelamento do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), além do desmonte de inúmeras universidades públicas. Sendo ainda relevante abordar a entonação crítica e desvalorizadora do sistema eleitoral brasileiro, por parte de Bolsonaro. Com políticas elitizadas, de poucos para poucos, instalou aliados no seio das instituições brasileiras para obter o controle, revelando-se um *populista outsider*.

Essas ações são, na verdade, o desmonte do sistema democrático. Por isso, mesmo que o indivíduo exerça o *populismo*, será importante que as instituições democráticas fiscalizem as políticas aplicadas, evitando a judicialização de temas sociais urgentes, controlando o poder *populista*.

O populista radical, como bem mencionado por Lynch e Cassimiro, tem a necessidade de explorar vividamente o sistema democrático dentro das normas legais. Suas principais artimanhas são as demonstrações de poder, intimidações adversárias e as famosas manipulações informativas. As sequências bem orquestradas de ferramentas *populistas* saciam o desejo de domínio do poder democrático, pelos *populistas radicais*. (LYNCH; CASSIMIRO, 2021, p. 244)

A democracia se manteve de pé, devido à permanência das regras pré-definidas constitucionalmente. Dado exposto, a democracia é um sistema sólido que se fortifica mediante todas as instituições que a compõem. Em virtude dos fatos mencionados, nasce a necessidade de uma fonte fiscalizadora do poder presidencial para o combate da insegurança democrática. Logo, soluções como leis regulatórias de poder e fiscalização computadorizada de informações virtuais projetam maior proteção ao sistema democrático.

Perante o exposto os órgãos fiscalizadores podem criar formas de verificar a confiabilidade de uma informação, instruindo a população desde cedo sobre a manipulação informativa. No caso das decisões democráticas do Brasil, a PL 2.630/2020 é um modelo apresentado no Senado Federal que possui objetivo de combater a desinformação. O principal ponto de atuação será fiscalizar as informações publicadas e compartilhadas nas redes sociais, filtrando informações falsas e verificando quem são seus propagadores.

Essa medida está sendo fortemente debatida, devido ao grau de irresponsabilidade do governo Bolsonaro ao disseminar descontroladamente notícias falsas na internet. Suas sequências de ações desastrosas instituíram o desmonte do sistema caracterizando o governo Bolsonaro como nocivo à democracia.

Pela observação dos aspectos abordados identifica-se que as informações cibernéticas necessitam de sondagem, assim como, as políticas aplicadas no sistema democrático. A reconstituição da credibilidade democrática é o primeiro passo no combate à crise do sistema.

Aplicar métodos de ensino sobre educação política e verificação de informações duvidosas, no ensino básico, determinam algumas atitudes na luta contra os fenômenos corrosivos do sistema democrático. Acima de tudo, conter a interferência nas democracias, preservando a essência soberana de livre escolha, pode preservar a representatividade coletiva do sistema democrático.

Recuperar a democracia liberal será um processo lento iniciado a partir da proteção das instituições democráticas, educação política e fiscalização eletrônica de informações virtuais. Em resumo, o texto objetivou expor com os devidos exemplos, como os órgãos reguladores do poder democrático são essenciais para a manutenção da democracia como sistema político. Tratando não apenas da manutenção da democracia, mas da manutenção dos órgãos democráticos.

O poder a partir das mãos do povo proporciona a manutenção do sistema representativo. Bem como, o combate aos apoiadores do sistema *populista* é um passo indispensável na conservação da democracia liberal.

Tal qual o diálogo entre adversários será o primeiro passo em direção à luta contra a crise da democracia, também será o último, antes que a barbárie se instale no sistema representativo. Segundo o proposto, enquanto houver possibilidade de dialogar ainda restará esperança para a democracia liberal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Daniel Pereira. **O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais.** Revista Sociedade e Estado, Brasília, Volume 34, nº 1, p. 211 a 239, Janeiro/Abril, 2019.

Bolsonaro em 25 frases polêmicas. Carta Capital, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 11 Abril. 2023.

CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, Volume I, nº 35, p. 1 a 52, Maio, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbcpol/a/Qmjj7wBTyR6RN4pkTzNqVvc/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 10 Maio. 2023.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da Democracia Liberal.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COELHO, Leonardo. **Lei das Fake News: o que é o PL 2630?**. POLITIZE!, 2023. Disponível em: https://www.politize.com.br/lei-das-fake-news/?https://www.politize.com.br/&qclid=Cj0KCQjwmZeJBhC ARIsAGhCqneFOxBNmKi65_9xwd7dIPcqRsA VD-W9Ap6WMC6Pdi7N-pUB0XZ-xpoaAht7EALw_wcB. Acesso em: 19 Maio. 2023.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do Caos.** São Paulo: Vestígio, 2019.

FIGUEIREDO, Janaína. **De Trump a Maduro: populismo autoritário colhe resultados díspares no mundo.** EXTRA, 2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/politica/de-trump-maduro-populismo-autoritario-colhe-resultados-dispares-no-mundo-25644520.html>. Acesso em: 20 de Maio de 2023.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LYNCH, Christian Edward Cyril, CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018-2021). Aisthesis: Revista Chilena de Investigaciones Estéticas, Santiago, Volume I, Nº 70, p. 1 a 27, Dezembro, 2021. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-71812021000200223&script=sci_arttext&lng=pt . Acesso em: 10 Maio. 2023.

LISSARDY, Geraldo. **O que é o neoliberalismo e por que alguns negam que ele exista,** BBC Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59521979> . Acesso em: 25 Maio. 2023.

Projeto do Senado de Combate a Notícias falsas chega à Câmara. Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/>. Acesso em: 19 Maio. 2023.

ROCHA, Lucas; URIBE, Gustavo; LOPES, Juliana; RODRIGUES, Basília; LORENZETTI, Evelyne; BERNARDES, Vinícius. **Criminosos invadem plenário do STF, Congresso Nacional e Palácio do Planalto.** CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/manifestantes-furam-bloqueio-e-entram-na-esplanada-em-brasilia/> . Acesso em: 29 Mar. 2023

SENRA, Ricardo. **Como o mesmo Brasil que alimenta 1 bilhão ultrapassou 10 milhões de famintos 'dentro de casa'?**.BBC Brasil em Londres, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54288952> . Acesso em: 28 Abril. 2023.

SIMIEMA, Carolina. **Invasão ao Congresso: entenda o fato que marcou a história do país.** Politize, 2023. Disponível em: https://www.politize.com.br/invasao-ao-congresso/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjwwtWgBhDhARIsAEMcxeAkoXOU6cycG5cS9EisTxqpSR6VRRKwT6Xi-AXStzYZA6GwFXU8ehYaAr7xEALw_wcB . Acesso em: 29 Mar. 2023

TORTELLA, Tiago. **Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA.** CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/> . Acesso em: 29 Mar. 2023.

YASCHA, Mounk. **O Povo Contra a Democracia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.